

# DIVERSIDADE VEGETAL DO RIACHO CANABRAVA NO MUNICÍPIO DE UIBAÍ/BA, A PARTIR DO ETNOCONHECIMENTO DA COMUNIDADE LOCAL

PLANT DIVERSITY IN THE CANABRAVA STREAM IN THE  
MUNICIPALITY OF UIBAÍ/BA, FROM THE ETHNIC  
KNOWLEDGE OF THE LOCAL COMMUNITY

Recebido em: 10 de setembro de 2019

Aprovado em: 15 de dezembro de 2019

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RCO | a. 12 | v. 1 | p. 168-190 | jan./abr. 2020

DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v1i0.1641>

**Rita Ferreira Rocha Mendes** [ritarocha.ftc@gmail.com](mailto:ritarocha.ftc@gmail.com)

Pós-Graduada em Educação Ambiental, Biodiversidade e Cultura Regional, pela Universidade do Estado da Bahia (Xique-Xique/Brasil). Pós-Graduada em Ecologia e Sustentabilidade pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias (Candeias/Brasil). Professora de Ciências da Prefeitura Municipal de Irecê (Irecê/Brasil) e no Colégio Cassimira Maria Machado (Uibaí/Brasil).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8046435185453996>

**Darcy Ribeiro Castro** [dcastro@uneb.br](mailto:dcastro@uneb.br)

Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia (Salvador/Brasil). Professor da Universidade do Estado da Bahia (Xique-Xique/Brasil).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5200457430232861>

## RESUMO

Este estudo trata da diversidade vegetal do riacho Canabrava no município de Uibaí, estado da Bahia. O mesmo buscou compreender o etnoconhecimento da comunidade local sobre a diversidade vegetal do riacho Canabrava, levando em consideração seus aspectos sociais, físicos e culturais, tendo em vista contribuir com o desenvolvimento de ações de preservação e recuperação da flora local. Para tal, foram realizadas entrevistas com 21 moradores da localidade com diferentes faixas etárias (crianças/adolescentes, adultos e idosos). Para a coleta dos dados, utilizou-se um questionário estruturado com oito perguntas, sendo as repostas dos entrevistados categorizadas e discutidas, conforme os referenciais teóricos apresentados. Com isso, foi possível tecer um paralelo entre a diversidade pertencente à localidade em tempos passados e o atual modelo, indicando espécies da flora típicas do local como gameleira, juá, jurema, aroeira, quixaba, embaúba, entre outras, e aquelas que estão ameaçadas de extinção, como a canabrava, o murici, o puçã, a maniçoba, o araçá, a sucupira, entre outras. Esse estudo pode contribuir para o resgate da cultura popular relacionada à diversidade vegetal mediante trabalho de parceria envolvendo a escola e a comunidade.

**Palavras-chave:** Flora local. Preservação. Cultura popular.

## ABSTRACT

This study deals with the plant diversity in the Canabrava stream in the municipality of Uibaí, Bahia. The same sought to understand the ethnic knowledge of the local community about the plant diversity in the Canabrava stream, taking into account their social, physical and cultural aspects, in order to contribute to the development of conservation actions and recovery of the local flora. To this end, interviews were conducted with 21 local residents with different age groups (children / teenagers, adults and seniors). To collect the data, we used a structured questionnaire with eight questions, and the answers of respondents categorized and discussed, as the theoretical frameworks presented. Therefore, it was possible to make a parallel between the diversity belonging to the town in times past and the current model, indicating species of typical local flora as gameleira, juá, jurema, mastic, quixaba, embaúba, among others and those who are threatened extinction as the canabrava, murici, the dip net, maniçoba, the guava, the sucupira, among others. This study may contribute to the rescue of popular culture related to plant diversity through working partnership evolving the school and the community.

**Keywords:** Local flora. Preservation. Popular culture.

## 1 INTRODUÇÃO

O século XXI iniciou-se com profundos debates acerca da necessidade da preservação do meio ambiente, porém essa temática ainda é ignorada pela sociedade que prefere cultivar práticas agressoras (queimadas, desmatamento, descarte inadequado de resíduos, extrativismo etc.) em detrimento de buscar conhecer e desenvolver ações voltadas para a preservação e conservação de seus recursos naturais. Essas práticas foram historicamente construídas à medida em que o ser humano precisou ampliar o uso de recursos naturais para sua sobrevivência e acumulação de riquezas, tendo como consequência a poluição do ar, solo, rios, aumento do aquecimento global, entre outros problemas que afetam a diversidade biológica (CHASSOT, 2001).

A diversidade biológica, conforme o Fundo Mundial para a Natureza (1989) envolve milhões de animais, de plantas e microrganismos, que com as suas cargas gênicas peculiares, constituem diferentes ecossistemas, muitos deles antropizados nos tempos hodiernos para fins de exploração de seus recursos. Isso permitiu a introdução da complexidade cultural humana nesses ambientes explorados, em relação a raças, costumes e crenças populares, exemplo do bioma caatinga. Este bioma é o menos conhecido em termo de diversidade biológica, porém é um dos mais ameaçados pelo ser humano (GARIGLIO et al., 2010).

A caatinga é o único bioma exclusivamente brasileiro. Este bioma ocupa cerca de 6,83% do território nacional com uma área de aproximadamente 734.478km<sup>2</sup>. O seu patrimônio biológico, em grande parte, não é encontrado em outras regiões do planeta (BRASIL, 1998). Apesar disto, a caatinga possui extensas áreas degradadas, sendo que muitas delas correm risco de desertificação. Sua flora é bastante explorada como lenha (uso em fogões das residências, fornalhas de padarias, olarias e fábricas), construção de cercas, coberturas de casas e extração das cascas para a produção de remédios caseiros (GARIGLIO et al., 2010).

O riacho Canabrava, localizado no município de Uibaí, no Território de Identidade de Irecê (TII), sob as coordenadas geográficas: Latitude 11° 20'24" sul e Longitude 42° 7' 56" oeste (IBGE, 2011) é um exemplo destas áreas degradadas. Nesse ambiente, grande área com vegetação nativa foi devastada para implantação do cultivo da *Manihot glaziovii* Muell. Arg.(maniçoba). No período de 1904 e 1914 houve o cultivo da maniçoba para a extração de látex. Nessa época, o látex era uma matéria prima muito valiosa para a produção de borracha, principalmente usada para a industrialização de pneus (ROCHA; MACHADO, 1988). A degradação ambiental se expandiu durante o século XX e início do XXI na direção da

serra<sup>1</sup> que protege o riacho Canabrava. Além disto, com base em autores como Chassot (2001), Martins, Paiva e Bantel (2013) pode-se afirmar que fatores como urbanização, envelhecimento populacional e acesso a tecnologia, entre outros, favorecem a desvalorização do conhecimento do sertanejo sobre a diversidade vegetal. Contudo, na iminência da serra, às margens do riacho Canabrava ainda perdura algumas “manchas” de vegetação nativa em associação aos poucos corpos hídricos remanescentes (CASTRO, 2013).

O riacho Canabrava é assim chamado porque possuía na época dos primeiros habitantes, extensas matas de canabrava, vegetal da família das gramináceas cujo nome científico é *Erianthus saccharoides* (Sw.). Conta a história que um escravo fugitivo das fazendas da cidade de Jacobina-BA, após percorrer várias localidades, pousou por essas terras e encontrando água e ambiente agradável, resolveu se estabelecer por ali; depois de descansar o escravo, chamado Vicente Veloso seguiu viagem chegando até a Serra do Assuruá onde encontrou-se com Venceslau P. Machado a quem pediu abrigo, dando-lhe notícias do lugarejo encontrado. Venceslau se interessou pelas terras e conseguindo comprá-las, em seguida enviou com a incumbência de sitiá-las, seu amigo Gonçalo José dos Santos que fixou residência na Fazenda Canabrava, iniciando assim a formação do lugarejo que passou a ser chamado de Canabrava do Gonçalo. O lugarejo permaneceu com esse nome até ser emancipado em 22 de setembro de 1961, quando passou a ser chamado Uibaí, que na língua tupi guarani significa “flecha n`água” (ROCHA; MACHADO, 1988).

Este trabalho abrange o conhecimento de pessoas que residem e/ou percorrem periodicamente trechos do riacho Canabrava desde a sua nascente, localizada numa grota da Serra Azul conhecida como Grota do Mané José, que deságua na micro bacia do Baixão, um subafluente do rio Verde. Considera-se para tal, os aspectos sociais e culturais de moradores da referida localidade, adquiridos com vivência como meio e/ou a partir de relatos transmitidos por seus familiares. Este riacho é o principal corpo hídrico municipal, pois faz parte da história de seu povoamento, e, apesar de encontrar-se assoreado, ainda abriga diversas espécies nativas que precisam ser preservadas, a exemplo de *Ficus adhatodifolia* Schott. (gameleira), *Ziziphus joazeiro* (Mart.) (juá/juazeiro), *Spondias tuberosa* Arruda (umbu), *Commiphora leptophloeos* (Mart.) (umburana de cambão), *Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T.D. Penn. (quixaba), *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenan (angico), *Myracrodruon urundeuva* Freire Allemão (aroeira) e outras tantas espécies importantes para o equilíbrio do ecossistema local (ROCHA; MACHADO, 1988; CASTRO, 2013).

---

<sup>1</sup> Serra é uma cadeia de montanhas que apresenta declividades chamadas encostas ou vertentes. Muitas vezes possui um nome geral para todo o conjunto e nomes locais para alguns trechos.

Usou-se como aporte teórico para esse trabalho autores como Rocha e Machado (1988), Fundo Mundial para a Natureza (1989), Branco (1994), Vernier (1994), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis- IBAMA (1998), Castro (2000), Beltrão (2000), Diegues (2001), Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs (BRASIL, 2001), Chassot (2001), Bosi (2003), Santos e Costa-Pinto (2005), Filho *et al.* (2009), IBGE (2011), Souza Filho *et al.* (2011), Nascimento (2013), Martins, Paiva e Bantel (2013), Castro (2013), Guido *et al.* (2013) e BRASIL (2015). Estes autores tratam do etnoconhecimento, da história do município em questão, da etnobotânica, da diversidade vegetal e da valorização da cultura popular em suas obras.

Como apoio metodológico, teve-se autores como André (1983), Fernandes (1991), Minayo (1993), Miles e Huberman (1994), Godoy (1995), Neves (1996), Andrade (2005) e Teixeira *et al.* (2015). Eles abordam em suas obras a pesquisa qualitativa e os métodos/ instrumentos de recolha e análise de dados.

Teve-se como objetivo principal, compreender o etnoconhecimento de moradores da comunidade local sobre a diversidade vegetal do riacho Canabrava, tendo em vista contribuir com o desenvolvimento de ações de recuperação e de preservação da flora local. Assim, para este estudo, buscou-se: 1) identificar e analisar o etnoconhecimento de moradores da comunidade local sobre a diversidade vegetal do riacho Canabrava; 2) possibilitar uma contribuição para o desenvolvimento de ações de recuperação e de preservação da flora local.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O Ecossistema Caatinga, que cobre a região em estudo, começou a se diferenciar a partir de 22.000 anos Antes do Presente (A.P), quando o clima úmido e temperado foi ficando, paulatinamente, seco e quente devido à localização geográfica que favorece maior insolação, ao relevo acidentado e outros fatores conjuntos que levaram à redução das precipitações atmosféricas. As encostas úmidas das zonas montanhosas de vegetação arborescente, incluindo planaltos e morros, foram sendo desgastadas pelas intempéries naturais, liberando sedimentos para as depressões ou kênios, deixando a região cada vez mais árida (BELTRÃO, 2000).

As zonas de altitude do noroeste da Bahia mantiveram remanescentes de florestas tropicais semidecíduas primárias semelhantes às florestas costeiras no meio da caatinga, nas áreas próximas a sítios arqueológicos, pedreiras ou serras onde se encontram reservatórios naturais de água e correm riachos. Essa paisagem se apresenta sob a forma de pequenos pedaços de terra arborizados nos quais a fauna sertaneja ainda se protege da extinção, como é o caso do município de Uibaí-BA, que está a 587 metros de altitude (BELTRÃO, 2000).

Para o sertanejo, que vive no sertão, em plena caatinga, longe dos rios permanentes, o grande problema é mesmo a falta de água nas estiagens prolongadas. Neste sentido, a seca dificulta o desenvolvimento de algumas atividades, como o plantio, a criação de animais, dentre outros (BRANCO, 1994).

Para atender a maioria de suas necessidades, o ser humano precisa utilizar os recursos naturais. Por esse motivo, o ambiente funciona como condicionante para a vida e as atividades humanas. Como advoga Vernier (1994, p. 98), "*o mundo vivo é uma encantadora cadeia de vidas, da qual não se pode destruir um elo impunemente*". Assim para ele, os animais precisam das plantas e estas necessitam dos animais para transportar suas sementes e fecundá-las.

O equilíbrio biológico criado pela natureza está fundamentado no sistema ecológico num sentido completo, considerando-se a existência de muitas espécies vegetais e animais. Por isso, quando acontece alguma alteração neste sistema ecológico, ocorre também a perda do equilíbrio. Por esta razão, a cultura vegetal ou animal torna-se vulnerável às influências externas podendo desaparecer (VERNIER, 1994).

Segundo Martins, Paiva e Bantel (2013, p.2542), "*a crescente urbanização trouxe como consequência a destruição de parte da vegetação de algumas regiões, ocasionando a perda do conhecimento tradicional sobre tais vegetais*". Sendo assim, a cultura popular se perde porque se algumas espécies desaparecem, as pessoas mais jovens nem conhecerão tais espécies, e, conseqüentemente, ocorre a quebra de um elo na teia de saberes tradicionais, pois este se fortalece com a transmissão dos conhecimentos entre as gerações.

Para autores como Bosi (2003, p.61) "*a memória devolve o que o passado vislumbrou e o presente esqueceu*". Para ela, quando se contam ou resgatam as lembranças de um povo, essas lembranças tornam-se memórias. Ela ainda completa seu entendimento dizendo que o estudioso da memória geralmente entrevista idosos dos quais se espera o rico testemunho de outras épocas. Esta questão do resgate da memória pode ser um forte aliado para educação ambiental, assim sendo essa pesquisa foi direcionada para contribuir com o desenvolvimento de ações de proteção<sup>2</sup> (recuperação, conservação e preservação) da flora a partir do ensino escolar.

---

<sup>2</sup> A proteção envolve os termos conservação, recuperação e preservação ambiental. a conservação corresponde ao uso dos recursos de um Ecossistema, obedecendo a sua capacidade de suporte ou de equilíbrio. A recuperação é o ressarcimento ao dano ambiental mediante pagamento de multa, obrigação de recuperar ou reabilitar a área degradada pelo infrator. A preservação é uma forma de proteger o ambiente de qualquer dano ou forma de destruição com o uso de medidas preventivas e de vigilância legais e adequadas.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs (BRASIL, 2001), a perspectiva ambiental ora mencionada está embasada num modo de ver o mundo no qual estão em evidência as inter-relações e a interdependência dos mais diversos elementos na constituição e manutenção da vida. Conforme estes documentos oficiais, esta visão de mundo pode ser resgatada com a comunidade local, a qual herdou de seus antepassados o conhecimento da sua relação direta com a natureza, especialmente sobre o mundo vegetal, como fonte de alimento e medicina alternativa, entre outras funções básicas para a vida. Nascimento (2013) corrobora com os PCNs ao afirmar que o etnoconhecimento envolve os saberes, tradições (cultura) aprendidas no dia a dia e por intermédio da interação direta das comunidades tradicionais com o meio que as cerca e seus fenômenos naturais.

Diegues (2001) e Chassot (2001) advogam que a visão de mundo anteriormente relatada faz parte da cultura de um povo, que por intermédio do senso comum, foi transmitida historicamente às gerações, mas que não é valorizada nos espaços acadêmicos, por não fazer parte do conteúdo científico acessado na universidade, em grande medida, pela classe dominante do país. Por não ser ensinado nas universidades, e, por conseguinte, nas escolas básicas, muitas espécies vegetais correm o risco de ser extintas sem serem conhecidas pelas gerações atuais e futuras, o que pode comprometer o equilíbrio da biota local/regional e a qualidade de vida da comunidade (CHASSOT, 2001).

Para Castro (2000; 2013) através de um estudo preliminar que envolve a diversidade vegetal, as espécies que já estão em estado adiantado de extinção nas áreas de altitude mais elevadas do TII, são: *Tabebuia impetiginosa* (Mart. ex DC.) Standl. (pau darco), *Amburana cearensis* (Allemão) A. C. Sm. (umburana de cheiro), *Manihot glaziovii* (maniçoba), *Pterodon emarginatus* Vogel. (sucupira), *Byrsonima crassifolia* L. Rich (murici), *Mouriri pusa* Gardner. (puçã) e *Erythrina velutina* Willd. (mulungu). Para ele, outras árvores como *Schinopsis brasiliensis* Engler (baraúna), *Caesalpinia pyramidalis* Tui. (catingueira), *Cavanillesia arborea* (Willd.) K. Schum. (barriguda), *Piptadenia moniliformis* Benth. (surucucu), *Aspidosperma pyriforme* Mart. (pereira), *Jatropha mollissima* (Pohl) Baill. (pinhão bravo), *Cereus jamacaru* De Candolle (mandacaru) etc. e as ervas como *Senna obtusifolia* (L.) H.S. Irwin & Barneby (mata-pasto), *Ocimum basilicum* L. "Genovese". (alfavaca), *Senna occidentalis* (L.) H.S. Irwin & R.C. Barneby (fedegoso) e *Portulaca oleracea* L. (beldroega) também ameaçam desaparecer dos ambientes agredidos pelas ações antrópicas.

Acrescenta Castro (2000; 2013) que as espécies que ainda predominam na região, de uma forma geral são: *Ficus adhatodifolia* (gameleira), *Caraipa densifolia* Mart. (camaçari), *Cleome spinosa* Jacq. (mussambê), *Mimosa sensitiva* L. (unha de gato), *Piptadenia stipulacea* (Benth.) Ducke (jurema branca), *Commiphora leptophloeos* (umburana de cambão), *Hymenaea courbaril* L. (jatobá), *Anadenanthera macrocarpa*, (angico), *Myracrodruon urundeuva* (aroeira), *Sideroxylon obtusifolium* (quixaba), *Enterolobium contortisiliquum* (Vell.)

Morong. (tamboril), *Mimosa tenuiflora* (Willd.)Poir. (jurema preta), *Spondias tuberosa* (umbu), *Bromelia laciniosa* Mart. ex Schult. & Schult.f. (macambira), *Neoglaziovia variegata* (Arruda) Mez. (caroã), *Melocactus zehntneri* (Britton & Rose) (cabeça- de- frade), *Pilosocereus polygonus* (Lam.) Byles & G.D.Rowley (xique-xique) e *Goniorrhachis marginata* Taub. (itapicuru).

Um estudo similar a este, antes proferido, foi realizado por Filho *et al.* (2009) nos sertões da Bahia e Pernambuco, abordando 20 espécies de plantas endêmicas da Caatinga. Dentre estas, algumas não foram contempladas no estudo realizado por Castro (2013) a exemplo de *Ximenia americana* L. (ameixa), *Cedrela fissilis* Vell. (Cedro), *Cordia trichotoma* (Vell.) Arrab. ex Steud. (frei-jorge), *Caesalpinia ferrea* Mart. ( jucá ou pau ferro), *Calliandra spinosa* Ducke. (marizeira) *Combretum leprosum* Mart. (mufombo), *Senna spectabilis* (DC.) H.S.Irwin & Barneby var. (canafístula), *Bauhinia cheilantha* (Bong.) Steud. (mororó), *Albizia polyantha*. (Spreng.) G.P.Lewis. (muquém), *Licania rigida* Benth. (oiticica), *Auxemma onocalyx* (Allemão) Baill. (pau branco), *Crataeva tapia* L. (trapiá), *Dipteryx odorata* (Aublet.) Willd. (cumaru) e *Dalbergia cearensis* Ducke (violeta).

Pode se abstrair que apesar da vegetação caatinga (diversidade vegetal remanescente) ser predominante na região mencionada com espécies típicas como umbu, umburana de cambão, pereira, juá e mulungu, há espécies comuns ao bioma cerrado como jatobá, murici, surucucu, angico e baraúna e espécies comuns ao bioma mata atlântica como, sucupira, tamboril, barriguda e itapicuru (BELTRÃO, 2000; CASTRO, 2013). Souza Filho *et al.*(2011) e Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2015) retratam os riscos de extinção de espécies, como a catingueira, o pereira, a umburana de cheiro, a maniçoba, o araçá, o murici, o puçá, a sucupira, o pau d`arco etc. É válido ressaltar que, muitas vezes, por não se valorizar o saber popular, o conhecimento sobre muitas espécies vai sendo desprezado ao longo do tempo. Sendo assim, a valorização do etnoconhecimento poderá ser uma alternativa para a preservação de mais espécies vegetais em seu bioma.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Os sujeitos da pesquisa

Essa pesquisa envolveu 21 pessoas, sendo 10 do sexo feminino e 11 do sexo masculino; 04 deles têm mais de 60 anos de idade, 05 acima de 40 anos, 05 acima dos 20 anos, 04 com apenas 15 anos e 03 com idade entre 13 e 15 anos. Os sujeitos da pesquisa.

Todos os participantes residem atualmente no município e apenas 01 entrevistado não nasceu em Uibaí, nasceu em Presidente Dutra-BA, cidade vizinha a Uibaí. Este senhor conheceu o riacho quando criança, viajando em expedições com o pai, indo de Presidente Dutra para o povoado de Santo Inácio, pertencente ao município de Gentio do Ouro-BA, na década de 50, carregando toucinho e rapadura para vender. O caminho utilizado por eles estendia-se ao longo do riacho Canabrava. O senhor reside em Uibaí desde o ano de 1982.

Dois das senhoras acima de 60 anos são benzedeiros e utilizam da flora local em suas rezas. 03 dos senhores acima dos 40 anos utilizam a flora local na fabricação de seus remédios caseiros. 03 dos entrevistados com mais de 20 anos de idade são estudantes universitários, sendo que 02 deles estão em fase de conclusão do curso. Os outros adultos tiveram contato direto com o riacho desde crianças e os demais, abaixo dos 20 anos, são estudantes de Ensino Médio e Fundamental no Colégio Cassimira Maria Machado, escola mantida pela Associação de Ensino de Uibaí.

### 3.2 Tipo de pesquisa

Esse estudo foi realizado mediante pesquisa qualitativa associada ao uso de entrevista estruturada com moradores e moradoras da comunidade local, a fim de obter conhecimento acerca da diversidade vegetal do riacho Canabrava. Neves (1996) afirma que a investigação qualitativa é considerada mais rica, complexa, global e real. Para ele, os dados qualitativos são obtidos por meio de uma relação direta com o objeto, conduzindo o investigador à obtenção de relações mais visíveis com a realidade investigada.

A pesquisa qualitativa, enfim, consiste na compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico (GODOY, 1995). Para ela, tal pesquisa tem caráter descritivo e analítico e é voltada para a preocupação do investigador com o significado do objeto de pesquisa.

### 3.3 A coleta de dados

O trabalho de coleta de dados foi desenvolvido no período de março de 2013 a agosto de 2014. Para isso, utilizou-se de um roteiro de entrevista composto com 8 perguntas que serviram de norte para a condução da pesquisa. A Entrevista é uma conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes ao objeto de pesquisa (MINAYO, 1993). Para tal, os sujeitos pesquisados precisam se sentir valorizados por fazer parte do trabalho, a fim de contribuir com a pesquisa. As perguntas, em geral, envolveram os seguintes aspectos ou conteúdos: a descrição do riacho

Canabrava no passado e na atualidade; causas das mudanças no ambiente; a flora que existia antes e a atual; a importância da vegetação e ações de preservação da diversidade biológica vegetal.

Os entrevistados com idade acima de 25 anos deram suas respostas oralmente. Os entrevistados mais jovens, abaixo dos 25 anos, responderam aos itens da entrevista por escrito. As entrevistas com os adultos e idosos foram feitas em suas residências, já as entrevistas com os adolescentes foram realizadas no espaço escolar. Os entrevistados foram nominados por A1 até A21 para fins de preservação de suas identidades. Os dados foram coletados e transcritos pela pesquisadora.

Para fins de comparar os estados de preservação da diversidade vegetal do riacho Canabrava em diferentes décadas, foram entrevistados crianças/adolescentes, adultos e idosos. Optou-se, por isso, fazer entrevistas com pessoas que moraram desde criança no município, que tiveram contato direto com a área em estudo; pessoas adultas que tiveram, parcialmente, contato com esse meio ao longo da (s) última (s) década (s) e adolescentes que não tiveram um contato tão próximo com a área devido a pouca idade e também às prioridades que atualmente são outras (jogos eletrônicos, redes sociais, tv etc.), para os mais jovens, que nasceram no município.

### **3.4 Análise de dados**

A finalidade da análise de dados é organizar, fornecer estruturas e extrair significados dos dados da pesquisa (MILES; HUBERMANN, 1994).

Segundo André (1983), a análise de dados visa apreender o caráter dos fenômenos em sua manifestação natural, bem como compreender os significados de uma experiência vivida, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto.

Fernandes (1991) afirma que a análise qualitativa dos dados se caracteriza pela busca de significados na fala dos sujeitos no contexto em que eles se inserem, trazendo na redação uma sistematização baseada na qualidade, pois para ele, trabalhos desta natureza não têm a pretensão de atingir o limiar da representatividade.

A análise de dados deste trabalho se deu com a formação de categorias que consistem num conjunto de expressões com características similares ou que tenham estreita relação de complementaridade estabelecida de acordo com determinado critério. As categorias foram formadas a partir de um núcleo comum de conteúdo apresentados nas repostas dos entrevistados, a saber: ambiente local, diversidade vegetal e vegetais em extinção, importância de tais vegetais e preservação da biodiversidade e da história local. Na categoria importância dos vegetais, optou-se por incluir também a questão cinco (que trata do

saber de cada um sobre as plantas), pelas respostas que foram muito parecidas com as da pergunta seis, (sobre a importância de tais plantas), pois os entrevistados associaram seus conhecimentos sobre as plantas com a importância delas, pois, para eles a utilidade das plantas mencionadas é refletida pelo uso delas pela comunidade, conforme expresso abaixo (quadro 1).

**Quadro 1- Organização do trabalho de campo**

<b>Categoria</b>	<b>Questões</b>
Ambiente local	1. Como era antes o riacho Canabrava? E como é hoje? 2. O que provocou essas mudanças na sua opinião?
Diversidade vegetal e vegetal em extinção	3. Quais as plantas que existiam antes no riacho Canabrava e que hoje não existem mais? 4. Quais as plantas que existem hoje no riacho Canabrava?
Importância de tais vegetais	5. Você pode nos falar um pouco do que sabe sobre estas plantas? 6. Qual a importância destas plantas para você e para a comunidade?
Importância da preservação da biodiversidade e da história local	7. O que você acha que deve ser feito para evitar o desaparecimento dessas plantas? 8. O que mais devemos saber sobre o riacho Canabrava?

**Fonte: arquivo pessoal (2014)**

Tais categorias foram elaboradas para facilitar a interpretação e comparação dos resultados a partir dos referenciais apresentados, levando-se em conta elementos importantes como faixa etária dos entrevistados e grau de satisfação das respostas de cada um deles em relação ao objetivo da pesquisa. Segundo Andrade (2005), a categorização dos dados sugere uma codificação ou transformação dos dados em símbolos, pois isto facilita a contagem dos resultados obtidos durante a pesquisa. O grau de satisfação das respostas dos sujeitos pesquisados foi decomposto nos seguintes tipos de respostas: 1) satisfatórias; 2) pouco satisfatórias e 3) insatisfatórias ou não satisfatórias, conforme descrito abaixo:

1) Satisfatórias;

Os entrevistados dominam sobre as informações básicas acerca do ambiente e têm conhecimento sobre a diversidade vegetal do riacho.

2) Pouco satisfatórias;

Os entrevistados pouco dominam sobre as informações básicas acerca do ambiente e têm limitado conhecimento sobre a diversidade vegetal do riacho.

3) Insatisfatórias ou não satisfatórias.

Os entrevistados não dominam sobre informações básicas acerca do ambiente e não conhecem sobre a diversidade vegetal do riacho.

Cada categoria se refere a um conjunto de aspectos comuns encontrados nas respostas dos entrevistados e que se relacionam. A categoria ambiente local trata das mudanças ocorridas no ambiente do estudo, desde o início de seu processo de ocupação, enquanto a categoria diversidade vegetal e vegetais em extinção retrata os saberes dos entrevistados sobre as espécies que ainda predominam no local e as que estão correndo risco de extinção. A categoria importância dos vegetais traz relatos do conhecimento acerca da valorização de cada um entrevistado no tocante às espécies nativas. A categoria preservação da biodiversidade e da história local trata da relação que as pessoas fazem entre a história local e a importância da biodiversidade existente para a comunidade e suas raízes culturais.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Neste trabalho, os sujeitos, de uma forma geral, demonstraram ter conhecimento relativo com relação à diversidade biológica.

Analisando a categoria que trata do ambiente local a partir da questão 1. (Como era o riacho Canabrava? E como é hoje?), percebeu-se que as respostas em sua maioria foram focadas na existência da água em abundância antigamente e a sua escassez na atualidade. Esse fato foi relatado por 19 dos entrevistados. Esse ponto de vista foi frequente nos indivíduos com idade acima de 40 anos, onde apenas um respondeu diferente, o que se repetiu também com os entrevistados com idade entre 13 e 15 anos. Já os indivíduos com faixa etária entre 25 e 40 anos destacaram em suas respostas a questão da disponibilidade água, como mencionado anteriormente. Apesar de não terem conhecido a realidade do riacho no passado, alguns deles afirmam que esse conhecimento foi adquirido por meio de relatos da comunidade local, como expresso abaixo:

A2 (acima de 60 anos)- Tinha muitas árvores grandes como itapicuru, a água em alguns trechos passava pelo subsolo brotando em outros lugares à frente ("engrunava"). Acima do "pilãozinho" a água era forte que tinha até pequenas cachoeiras; agora tá muito devastado e o riacho está praticamente seco. A5 (acima de 40 anos) - Antes havia uma mata exuberante que margeava o riacho mantendo a água durante todo ano; hoje a mata foi destruída e a água não fica todo ano. A11 (acima de 25 anos) - O volume de água era maior e contínuo, tinha mais minadores, quando chovia brotava água em muitos locais, já tinha os brejos, mas não era muito desmatado. As cacimbas eram limpas. Hoje o fluxo

diminuiu bastante, tem trechos que não passa mais água. A15 (14 anos) - Antes o riacho descia bem forte, muitas pessoas iam para o lazer; hoje quase não desce água.

Enfatiza-se aqui a importância da continuidade da herança dos saberes tradicionais, pois se não fossem os relatos das pessoas mais idosas da comunidade, os mais jovens pouco ou nada saberiam a respeito desse ambiente, tão próximo e tão importante para eles e para todos os outros moradores do município. A escola pode contribuir com a preservação deste patrimônio cultural, realizando atividades de entrevistas com pessoas mais idosas da comunidade para recolhimento de informações sobre temas relevantes como o ambiente, sua história de ocupação e valorização do etnoconhecimento popular. Este é um assunto que deve fazer parte da agenda escolar, no sentido do seu aprofundamento por meio do ensino e da socialização com a comunidade mediante palestras, atividades de campo, entre outras, com as famílias, associações, sindicatos etc. Guido *et al.* (2001) afirma que trabalhos desta natureza devem respeitar o tempo das pessoas e o tempo atual que introduz outras determinações, outras maneiras de viver e de estar no mundo. Por isso, procurou-se estabelecer paralelos entre as falas das pessoas, observando as prioridades de cada um, em relação ao uso dos recursos naturais e o significado da cultura para sua vida, conforme sua faixa etária. Entendeu-se, portanto, que para cada faixa etária, as respostas dos sujeitos se diferenciam de acordo com suas vivências, necessidades e escolhas diante das condições materiais e culturais do seu meio, as quais vêm se transformando abruptamente nas últimas décadas (CHASSOT, 2001).

Observou-se que as pessoas com mais idade vivenciaram fatos muito diferentes do que as pessoas mais jovens. Os sujeitos mais idosos destacaram, por exemplo, a abundância da vegetação das margens do riacho, citando inclusive algumas espécies, enquanto os mais jovens fizeram referências apenas relatos de seus familiares sobre diversidade vegetal. Para estes jovens, conhecer acerca do bioma local não é prioridade, pois o uso de equipamentos tecnológicos atuais (computador, celular etc.) lhes permite um acesso a diferentes conhecimentos sem precisar sair de casa. Assim, a tecnologia ao invés de se tornar um aliado para ampliação do conhecimento na referida área, coloca-se como um empecilho para a manutenção da cultura do povo do município de Uibaí (CHASSOT, 2001) .

Ainda quanto ao enfoque da questão 1 (aspectos históricos do ambiente), percebeu-se que dois dos entrevistados acima de 60 anos voltaram as suas respostas para a questão da tradição que havia de se lavar roupas no trecho do riacho localizado dentro da cidade. Os demais, sete acima de 40 anos, priorizaram a questão da água e das belezas naturais do riacho, enquanto que 11 entrevistados mais jovens já focaram mais no trecho onde antigamente existia um local de banho chamado “banheirão”, que foi revitalizado recentemente, em 2012, por iniciativa da comunidade local com o apoio da prefeitura municipal.

Para a questão 2 (O que provocou essas mudanças na sua opinião?), depreendeu-se a partir das respostas do entrevistados (21) que a degradação ambiental do riacho Canabrava é resultante das ações antrópicas, conforme ilustram alguns exemplo: A2- "*Corte indiscriminado das plantas deixando a terra descoberta, secando a água*" e A10- "*O homem provocou essas mudanças*". Os sujeitos pesquisados relataram que a interferência humana guiada pela falta de conhecimento e/ou sensibilização ambiental como causa das mudanças ocorridas no ambiente, sendo que alguns deles também apontaram a falta de chuva como causadora de tais mudanças, a exemplo da resposta do entrevistado A16- "*A falta de consciência das pessoas que começaram a desmatar e a falta de chuva*". Esse ponto de vista foi relatado por sete dos entrevistados, porém vale assinalar que a diminuição do volume de água do riacho Canabrava é decorrente do desmatamento, queimadas, superpastoreio, entre outros fatores, ou seja, a falta de chuva é consequência e não a causa do referido problema ambiental. Assim, cabe à escola contribuir com os estudantes e a comunidade, no sentido de disponibilização de conhecimentos complementares a cultura popular, para fins de promoção da preservação e conservação dos recursos do bioma local.

As respostas dos sujeitos entrevistados para as questões um e dois, que se relacionam ao ambiente local, foram bem satisfatórias, porque tais sujeitos souberam retratar bem o ambiente, por conhecimento adquirido em contato com o seu meio ou através da herança cultural historicamente construída (pais, avós e outras pessoas). Somente as respostas de dois dos entrevistados mais jovens fugiram um pouco do contexto que se refere à diversidade vegetal do riacho Canabrava, conforme descrito abaixo nas respostas desses sujeitos:

A6- A barragem era um buraco com muito mato, areia, e pedras, tinha muito peixe, em alguns trechos só tem água quando chove. A barragem foi reformada, tem mais águas não tem muito mato. Construíram banheiros, não tem mais uma ponte antiga que tinha. A12- Era formada de areia branca e com pedrinhas, onde corria água clara e aparentemente límpida. Hoje se encontra seca.

Estas respostas abordaram apenas os trechos do riacho que contém a barragem e não considerando o riacho em toda a sua extensão. Observa-se que a idade interfere na resposta dada, pois devido à falta experiência e contato com o ambiente, os indivíduos mais jovens forneceram respostas pouco coerentes ou satisfatórias, com maior destaque para os efeitos da antropização sobre o meio físico (FILHO *et al.*, 2011). Embora se alijando do foco da diversidade vegetal, os sujeitos A6 e A12 tecem um paralelo entre o tempo pretérito e presente, evidenciado o aprendizado cultural com a vivência com aqueles homens e mulheres que viveram e sabem mais sobre a região estudada. Para Guido *et al.* (2013), tais respostas trazem novas significações para o trabalho, que para ela, devem confrontar as diferentes visões dos sujeitos, de modo a perceber e valorizar os traços da mistura que há em sua cultura.

Na categoria diversidade vegetal e vegetal em extinção, as questões 3. (Quais as plantas que existiam antes no riacho Canabrava e que hoje não existem mais?) e 4. (Quais as plantas que existem hoje no riacho Canabrava?), tiveram respostas satisfatórias apenas entre os entrevistados acima dos 40 anos de idade, somando um total de 10 respostas satisfatórias que apresentaram os nomes de algumas espécies. Com isso, percebeu-se que alguns vegetais em estado de extinção no riacho, como *Byrsonima crassifolia* (murici), *Pterodon emarginatus* (sucupira), *Erianthus saccharoides* (canabrava), *Mouriri pusa* (puçá) etc. (comuns no cerrado, exceto a sucupira) e remanescentes arbóreos de mata atlântica, a exemplo de *Hymenaea courbaril* (jatobá), *Ficus adhatodifolia* (gameleira), *Cecropia glaziovii* Snethl. (embaúba), *Psidium cattleyanum* Sabine (araçá) e de caatinga, como *Commiphora leptophloeos* (umburana de cambão) e *Anadenanthera macrocarpa* (angico) foram citadas pela maioria dos sujeitos pesquisados dessa faixa etária (BELTÃO, 2000; CASTRO, 2013). Estes pontos de vistas podem ser observados nas respostas dos entrevistados A1, A3 e A5 para a questão 3, respectivamente: "*Mentras to - (planta pequena) bom para gripe e para as mulheres quando ganhavam nenê tomar banho e beber, canabrava, cordão de são francisco, murici e sucupira*"; "*Murici, sucupira (em muitos trechos), maniçoba, canabrava e puçã*"; "*Murici, Canabrava, puçá, araçá e sucupira*" e nas repostas dos entrevistados A2 e A4 para a questão 4, respectivamente: "*Gameleira, jatobá, anjico, aroeira, embaúba, umburana de boi e quixaba*"; "*Embaúba, angico, jatobá, aroeira, quixaba e umburana de boi*". Deve-se assinalar que a maioria das respostas satisfatórias foi emitida pelos sujeitos com idade próxima a 60 anos.

Os entrevistados com faixa entre 13 e 25 anos nem chegaram a conhecer certas espécies, como o *Erianthus saccharoides* (canabrava), o *Psidium cattleyanum* (araçá), o *Ageratum conyzoides* L. (mentras to), o *Leonotus nepetaefolia* L. (cordão de são francisco) etc. e enfatizaram suas respostas apenas no trecho do riacho que envolve a zona urbana do município de Uibaí. Obteve-se para essa faixa etária 2 respostas como pouco satisfatórias e 10 respostas como não satisfatórias para as questões 3 (Quais as plantas que existiam antes no riacho Canabrava e que hoje não existem mais?) e 4 (Quais as plantas que existem hoje no riacho Canabrava?), como ilustram, as afirmações emitidas pelos sujeitos A6 e A14 respectivamente: "*Tinha muita grama e capim, hoje já tem pouco, não sei os nomes das que tem agora*"; "*Tinha muitas plantas com flores e capim, era mais bonito, as que tem agora não sei os nomes*". Isto evidencia que o etnoconhecimento sobre a diversidade vegetal vem sendo minimizado entre jovens, o que sinaliza uma perda no patrimônio cultural que identifica uma sociedade. Com base em Filho *et al.* (2009), pode se assegurar que o pobre etnoconhecimento dos jovens moradores de Uibaí sobre a diversidade vegetal do riacho Canabrava é decorrente da falta de vivências deles com este ambiente.

O conhecimento dos entrevistados acerca a diversidade vegetal do riacho Canabrava, quanto às espécies ameaçadas em extinção e aquelas predominantes no riacho Canabrava, são apresentadas a seguir (tabela 1):

**Tabela 1 - Diversidade vegetal do riacho Canabrava**

Nome popular	Nome científico	Ocorrência/Espécies (AE/P)*
Puçá	<i>Mouriri pusa</i> Gardner	AE
Maniçoba	<i>Manihot glaziovii</i> Muell. Arg	AE
Canabrava	<i>Erianthus saccharoides</i> (Sw.)	AE
Murici	<i>Byrsonima crassifolia</i> L. Rich	AE
Araçá	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	AE
Pau darco	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl	AE
Umburana de cheiro	<i>Amburana cearensis</i> (Allemao) A. C. Sm.	AE
Sucupira	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	AE
Fedegoso	<i>Senna occidentalis</i> (L.) H.S. Irwin & R.C. Barneby	AE
Mentrasto	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	AE
Cordão de sãofrancisco	<i>Leonotus Nepetaefolia</i> L.	AE
Gameleira	<i>Ficus adhatodifolia</i> Schott	P
Embaúba	<i>Cecropia glaziovii</i> Snethl.	P
Umburana de cambão	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.)	P
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	P
Angico	<i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth.) Brenan	P
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Freire Allemão	P
Quixaba	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) Enter-	P
Tamburil	<i>olobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	P
Jurema preta	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir	P
Mulungu	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	P
Umbu	<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	P
Macambira	<i>Bromelia laciniosa</i> Mart. ex Schult. & Schult.	P
Caroá	<i>Neoglaziovia variegata</i> (Arruda) Mez.	P
Cabeça- de- frade	<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose)	P

Mandacaru	<i>Cereus jamacaru</i> De Candolle	P
Xique-Xique	<i>Pilosocereus polygonus</i> (Lam.) Byles & G.D. Rowley	P
Itapicuru	<i>Goniorrhachis marginata</i> Taub.	P
Sanjoeiro	<i>Senna macranthera</i> . (DC. ex Collad.)	P
Juá	<i>Ziziphus joazeiro</i> (Mart.)	P
Samambaia	<i>Pleopeltis pleopiltifolia</i> (Raddi) Alston.	P

---

**Fonte: Arquivo pessoal (2015)**

Legenda: \* AE- Ameaçada de Extinção e P- Predominantes

A maioria das espécies aqui mencionadas foi referenciada nos estudos realizados por Castro (2000), Filho *et al.* (2009) e Souza Filho *et al.* (2011), exceto, o *Psidium cattleianum* (araçá), a *Cecropia glaziovii* (embaúba), *Ziziphus joazeiro* (juá/juazeiro), a *Senna macranthera* (São João/sanjoeiro) e a *Pleopeltis pleopiltifolia* (samambaia). Estas espécies e as outras citadas anteriormente foram mencionadas pelo ministério do meio ambiente (BRASIL, 2015) em estatística florestal da caatinga, com exceção da canabrava, do mentrasto e do cordão de são francisco, que não foram contempladas em nenhum dos trabalhos pesquisados.

Para a categoria que versa sobre a importância dos vegetais, questões 5 (Você pode nos falar um pouco do que sabe sobre estas plantas?) e 6 (Qual a importância destas plantas para você ou para a comunidade?), obteve-se respostas que se misturaram ou se completaram conceitualmente (pouco satisfatórias), sendo que muitos responderam quase a mesma coisa para as duas perguntas, a exemplo das respostas de A5 para as questões cinco e seis, respectivamente: "*Todas essas plantas são usadas na medicina popular*"; "*Todas essas plantas são usadas na medicina natural*". Para este entrevistado, o que ele conhece sobre as plantas já retrata a importância delas. Isto evidencia que sujeito com a faixa etária acima de 40 anos (a exemplo de A5), pode apresentar um domínio de conhecimento satisfatório para o reconhecimento das espécies, mas limitado para acerca da sua utilização.

Do total de entrevistados, nove afirmaram que a maior importância desses vegetais é o seu uso na medicina popular, a exemplo do que expressam os sujeitos A2 e A7, respectivamente: "*São plantas de grande serventia na medicina local*"; "*São muito importantes, o povo que não valoriza, pois serve muito para muitas doenças, quando não tinha médico a gente se curava somente com o uso das plantas*". As respostas dos sujeitos A2, A7 estão de acordo com Martins, Paiva e Bantel (2013) que afirmam que o uso medicinal de plantas consiste em uma atividade que vem sendo desenvolvida desde as civilizações mais antigas, onde

os conhecimentos são transmitidos ao longo das gerações. Sendo assim, percebe-se a importância de se ampliar a disseminação da cultura popular, a qual pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia e mudança de hábitos de uma comunidade local, como no caso da que reside nas intermediações do riacho Canabrava. Mas para tal, este conhecimento precisa ser levado à escola para que essa possa contribuir com o desenvolvimento de ações voltadas para a recuperação, conservação e preservação da flora local, com a realização de aulas de campo envolvendo o bioma caatinga, visitas a viveiros de mudas, plantio e manejo de mudas em áreas previamente determinadas.

Alguns dos sujeitos entrevistados (sete do total) demonstraram ter um conhecimento mais amplo a respeito da importância dos vegetais para o equilíbrio ambiental do riacho Canabrava, como ilustram as afirmações dos sujeitos A3 e A14, respectivamente: *“São muito importantes para segurar o que ainda resta de água no riacho, algumas fornecem frutos comestíveis”*; *“São importantes porque ajudam equilibrar o meio ambiente, e manter o riacho com água e contribui para as chuvas”*. A visão dos sujeitos A3 e A14 estão de acordo com Santos e Costa-Pinto (2005) que asseguram que alguns saberes possibilitam o fortalecimento dos sujeitos sociais, a elevação da autoestima, entre outros aspectos que promovem o protagonismo dos envolvidos. Mas esta questão pode ser direcionada para a compreensão do meio, com destaque para o problema da escassez de água, pois sem equilíbrio não se terá produção de frutos. Neste sentido, a escola tem um papel capital em contribuir com mudança de visão dos alunos, os quais podem auxiliar os pais quanto à compreensão e desenvolvimento de ações voltadas para a valorização da diversidade vegetal do riacho Canabrava.

O entrevistado A3 revela sobre o uso de frutos para alimentação. Estes frutos, oriundos de plantas nativas com o murici, o puçá, o umbu, entre outros, também têm sido comercializados pelos moradores de Uibaí, como meio de complementar a fonte de renda da família. Como afirmam os PCNs (BRASIL, 2001), esta visão de mundo pode ser resgatada com a comunidade local, a qual herdou de seus antepassados o conhecimento da sua relação direta com a natureza, especialmente sobre o mundo vegetal, como fonte de alimento e medicina alternativa, entre outras funções básicas para a manutenção da vida.

Para as questões 5 (Você pode nos falar um pouco do sabe, sobre estas plantas?) e 6 (Qual a importância destas plantas pra você e para a comunidade?), as respostas de 11 dos entrevistados foram satisfatórias, por revelarem certo conhecimento a respeito dos vegetais e seu uso pela população, a exemplo da afirmação emitida pelo sujeito A7- *“Todas elas usadas pelos animais nativos da região, e usados frequentemente na alquimia”*. 10 dos entrevistados forneceram respostas tidas como pouco ou não satisfatórias para essas questões devido à falta de coerência ou de informações concretas, a exemplo do respondente A20- *“São plantas que nascem na cheia do riacho”*.

A categoria que trata da preservação da biodiversidade da história local envolve as questões 7 (O que deve ser feito para evitar o desaparecimento dessas plantas?) e 8 (o que mais devemos saber sobre o riacho Canabrava?). Em relação à questão sete, 14 dos entrevistados indicaram o reflorestamento, a preservação ambiental e o cumprimento das leis ambientais como melhores alternativas para a proteção da diversidade vegetal, conforme expresso abaixo:

A4- As pessoas obedecerem as leis ambientais; A7- Deve-se fazer o reflorestamento com as mesmas espécies; A10- Fazer mudas e replantar; A12- Preservar as existentes e fazer novo plantio- reflorestamento; A14- Preservar evitando o desmatamento, buscando conscientizar as pessoas para a importância dessas plantas para todos nós.

Para Castro (2013), a arborização e a manutenção de reservas familiares de caatinga são procedimentos que podem ter significativa contribuição sociocultural, sobretudo no que tange àquelas que acompanham os mananciais de água (riacho Canabrava), pois são ambientes intrínsecos à identidade do povo de Uibaí. Neste sentido, buscar junto à comunidade conhecimentos voltados para elaboração e desenvolvimento de ações com vistas à minimização e/ou resolução dos supramencionados problemas ambientais é um dos maiores desafios da escola.

Depreende-se pelo exposto que o vínculo com as raízes culturais do município veio decrescendo para os sujeitos com faixas etárias abaixo de 60 anos, bem como o seu conhecimento acerca da diversidade vegetal do riacho Canabrava. Além disto, acrescenta-se que degradação desse ambiente teve início com a exploração da maniçoba no período de 1910-1914, acentuando-se na segunda metade do século XX e XXI (primeiras décadas) com a implantação de pastagens, criação extensiva de gado, entre outros fatores. Com isto, as agressões sobre a biota do riacho tendem a se agravar nas próximas décadas, caso não sejam potencializadas ações efetivas sobre a recuperação, preservação e conservação da diversidade vegetal local, aliadas a valorização do patrimônio cultural da comunidade do município de Uibaí.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo confirmou como espécies ameaçadas de extinção no riacho Canabrava, a canabrava, o murici, o puçá e o araçá, entre outras e as que ainda têm frequência razoável na área estudada, como a gameleira, a embaúba, o jatobá, o angico, a aroeira etc. Sublinha-se que a perda desta diversidade vegetal local pode implicar no empobrecimento cultural e ambiental do município, pois com o desaparecimento de tais espécies, os moradores mais jovens poderão não ter a oportunidade de conhecê-las, usá-las, tampouco contribuir para a preservação e conservação daquelas ainda existentes no referido riacho.

Este trabalho apresenta algumas contribuições para o desenvolvimento científico regional por tratar de uma área ainda tão pouco estudada: a caatinga, especialmente envolvendo a diversidade vegetal do riacho Canabrava. Também pode contribuir com a valorização do conhecimento popular em relação ao ambiente local, às alterações ocorridas no ambiente e suas causas, como também possibilita um ponto de partida para o estudo do conhecimento científico destes assuntos, seja no ensino fundamental e médio, seja na universidade. Neste sentido, precisa se buscar conhecer acerca das espécies em estado de extinção ou predominantes na região de estudo mediante contribuição dos sujeitos que participaram dessa pesquisa e do projeto de intervenção.

A proposta de intervenção teve como título: "a educação ambiental valorizando o etnoconhecimento local e a preservação da caatinga: um elo necessário no sertão de Uibaí-BA" foi aplicado no Colégio Cassimira Maria Machado- CCMM, escola mantida pela associação de ensino de Uibaí-BA há mais de 20 anos na cidade. Tal proposta contou com a realização de aulas de campo envolvendo ações como visitas ao riacho Canabrava, viveiros de mudas e a pessoas idosas para entrevistas; atividades práticas para construção de um herbário, realização de exposições de fotos e do herbário para a comunidade. Estas ações visam aumentar o conhecimento dos alunos em relação à diversidade vegetal, destacando a importância dela para a comunidade. Também incentivam os alunos a se tornarem multiplicadores das referidas ações no município, o que pode contribuir com o aumento do conhecimento deles em relação à diversidade vegetal do riacho Canabrava, como parte da cultura local.

Este estudo motivou os moradores a participarem das ações de recuperação, conservação e preservação do riacho Canabrava, devido possibilitar a valorização de seus saberes sobre a diversidade vegetal, enquanto sujeitos envolvidos com o referido trabalho, visto que eles já estavam predispostos a contribuir com tal propósito. Esse poderá ser um grande consórcio para enfrentamento da crise ambiental, no que concerne ao riacho Canabrava, pois envolve a escola, a comunidade e a universidade: a escola com o estudo, a ação e a (res) significação do conhecimento; a comunidade com o conhecimento tradicional e o ensinamento prático comum do dia a dia e a universidade com a pesquisa e apoio do conhecimento científico voltado para melhor compreensão da diversidade vegetal e suas implicações para o ensino a partir do etnoconhecimento da comunidade.

Este trabalho pode, enfim, contribuir para a valorização do etnoconhecimento sobre a diversidade vegetal do riacho Canabrava, para as gerações atuais e futuras, com suas implicações para recuperação, conservação e preservação do referido ambiente. Pode servir de base ou estímulo também para que outros trabalhos sejam realizados na área, com mais ênfase e direcionamento para o ensino escolar, acadêmico e para o desenvolvimento de ações mais concretas para a preservação da diversidade vegetal local.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. Pesquisa de campo. In: **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas. 2005. p. 139-161.

ANDRE, M. E. D. A. Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, p. 66-71. 1983.

BELTRÃO, M. **Ensaio de Arqueologia: uma abordagem transdisciplinar**. Rio de Janeiro: Zit Gráfica e Editora, 2000, v. 1. p. 168.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANCO, S. M. **Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo**. São Paulo: Moderna, 1994.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasil: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA.) publicações. **Estatística florestal da caatinga**. v. 2. ago./ 2015.

CASTRO, D. R. **Caatinga; conhecendo para preservar**. Monografia de especialização. Guanambi, junho, 2000 (MIMEO).

\_\_\_\_\_. A preservação ambiental: uma experiência piloto. **Revista de Educação e Linguagem- Entre Lugares: Contração da Linguagem, Identidades e Saberes Formativos Docentes**. Irecê: EDUNEB, v. 2, n. 2, dez., 2013. Disponível em: <[http://www.unebirece.org/cadel/?page\\_id=2](http://www.unebirece.org/cadel/?page_id=2)>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

CHASSOT, A. I. **Alfabetização Científica: Questões e Desafios para a Educação**. 2ª Ed.. Ijuí: Editora Unijui, 2001.

DIEGUES, A. C. **Ecologia humana e planejamento costeiro**. 2ª ed. São Paulo: Nupaub-USP, 2001.

FERNANDES, M.E. Memória Camponesa. **Anais da 21ª Reunião Anual de Psicologia**, SPRP, Ribeirão Preto, 1991, 20 págs. (prelo).

FILHO, J. A. S.; SANTOS, A. P. B.; SILVA NASCIMENTO, M.F.; SILVA DO ESPIRITO SANTO, F. **Guia de campo de árvores da caatinga**- Petrolina. Editora e Gráfica Franciscana Ltda, 2009.

GARIGLIO, M. A.; SAMPAIO, E.V.S.B.; CESTARO, L.A.; KAGEYAMA, P.Y. (Orgs.). **Uso sustentável e conservação dos recursos Florestais da caatinga**. Brasília: Serviço Florestal Brasileiro, 2010. 368 p.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. in: Revista de administração de empresas. São Paulo. v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GUIDO, E.F. L.; DIAS, R.I.; FERREIRA, L.G.; MIRANDA, B.A. Educação ambiental e cultura: articulando mídia e conhecimento popular sobre plantas. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p.129-144, Jan.-abr. 2013.

IBAMA. **Ecosistema Caatinga**. Disponível em: <[www.ibama.gov.br/ecossistemas/caatinga.htm](http://www.ibama.gov.br/ecossistemas/caatinga.htm)>. Acesso em: 29 de janeiro de 2013, 23:57 min.

IBGE- **Coordenadas geográficas**. Disponível em: <[www.brasil.gov.br](http://www.brasil.gov.br) > Meio Ambiente > 2011>. Acesso em: 13/10/2015.

MARTINS, O. M. W; PAIVA, S. F.; BANTEL, A. C. Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal na microrregião do Vale do Juruá, Acre, Brasil. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer – Goiânia, v. 9, n. 16, 2013.

MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis**. 2nd ed. London: SAGE Publications, 1994.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

NASCIMENTO, G. C. C. Mestre dos mares: o saber do território, o território do saber na pesca artesanal. In: CANANÉA, F. A. **Sentidos de leitura: sociedade e educação**. João Pessoa: Imprell, 2013, p. 57-68.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v.1, nº 3, 2º sem/ 1996.

ROCHA, O. A.; MACHADO, E. O. **Canabrava do Gonçalo** – Uma Vila do baixo-médio São Francisco. Ed. do autor, 1988.

SANTOS, C. C.; COSTA-PINTO, A. B. Potência de ação. In: FERRARO JUNIOR, L. A. **Encontros e caminhos:** formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. 358 p.

SOUSA FILHO, A.F.; DAMASCENO JUNIOR, F.F.; COSTA, E.I.M.; CUNHA ALCANTARA, R.F.; ANDRADE, R.R.P. Herança dos saberes tradicionais sobre plantas nativas da caatinga no Sítio Sabiá, Juazeiro do Norte, CE, Brasil. **Cadernos de Agroecologia** – ISSN 2236 – 7934- Vol. 6, n. 2, dez. 2011.

Fundo Mundial para a Natureza (1989). In: PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. **Biologia da Conservação.** Londrina, 2001. Capa, Projeto gráfico e diagramação - Visualitá Programação Visual, Dados de catalogação na Publicação (CIP) Internacional. p.10.

VERNIER, J. **O meio ambiente.** Campinas, RS: Papyrus, 1994, pág. 98.